

JAZZ

8 JUNHO 2018

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Sofia Jernberg e Alexander Hawkins

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz Sofia Jernberg

Piano Alexander Hawkins

Sex 8 de junho

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

A inevitabilidade de um fascínio

A música tradicional da Etiópia tem criado um curioso fascínio em outras geografias. Na Europa, esse interesse teve já algumas traduções, como a interiorização de alguns dos seus aspetos pelo *sui generis* grupo punk The Ex e a associação destes ao recentemente desaparecido saxofonista Gétatchèw Mèkurya ou a utilização por Jacob Kirkegaard do canto coral da região e até de sons da vida quotidiana etíope ou das dunas do deserto. Junta-se agora o projeto Musho, protagonizado pela cantora Sofia Jernberg e pelo pianista Alexander Hawkins.

O formato de voz e piano não podia ser mais convencional nos parâmetros da música erudita, e ganhou mesmo uma caracterização especial no período do romantismo, graças aos *lieder* de Schubert e Schumann, mas o que os dois artistas nos oferecem nada tem de ortodoxo: se é detetável a influência “clássica”, os seus parâmetros abarcam o jazz e a experimentação, pesquisando novas formas de combinação do escrito com o improvisado. Com a Etiópia a fazer-se ouvir em cada momento, graças às origens de Jernberg no país e às suas associações com Hailu Mergia, bem como os estudos e as colaborações que Hawkins fez com Mulatu Astatke. Diz Sofia Jernberg: «Eu e o Alexander encontramos um campo comum na música da Etiópia. Quando começámos a trabalhar juntos foi com naturalidade que pegámos nas suas canções ancestrais.»

Hoje a viver em Estocolmo, depois de passar os primeiros anos da sua vida na

Etiópia e de pelo meio ter residido no Vietname, Jernberg é bem o exemplo de uma pesquisadora das capacidades vocais que utiliza elementos de várias culturas: «Este percurso pessoal afetou as minhas referências musicais mais do que consigo dizer por palavras. Em Hanói não tínhamos acesso a televisão ou a rádio, mas assistíamos ocasionalmente a concertos e a música vietnamita causou-me uma enorme impressão. Os folclores do mundo continuaram até hoje a ser uma inspiração para mim.» Salienta, no entanto, que o facto de ter nascido em Adis Abeba não a faz sentir-se um músico etíope. «Nem acho que represento a música local», avisa.

«O que eu e o Alexander fazemos é tornar as canções da Etiópia em algo de nosso. Misturamos os nossos *backgrounds* e os nossos gostos e tentamos fazer versões que sejam nossas e que sejam únicas. Se alguém as quiser definir como jazz ou como música contemporânea não tem relevância para mim. Não penso em termos de género e não me preocupo em fazer música de acordo com um certo idioma. O que me motiva é que a música seja viva e que tenha importância, para mim primeiro e, idealmente, para os demais», acrescenta. Até por isso, o que conduziu à parceria entre Sofia Jernberg e Alexander Hawkins não foi a Etiópia e nem sequer o paradigma camerístico de que parece provir, mas a curiosidade por criar música «sem fronteiras». «Ele é um músico brilhante e dificilmente enquadrável. O que nos ligou foi a possibilidade de tocarmos muitos tipos de música em conjunto, com base na comu-

nicação, na confiança e na cumplicidade que fomos maturando. Se o Alexander tocasse outro instrumento acho que também nos teríamos encontrado. É a musicalidade dele que me enfeitiça», afirma.

Hawkins é conhecido pelo caráter exploratório das suas abordagens aos teclados de um *grand piano* e desse instrumento *vintage* que é o órgão Hammond, e coincidentemente Jernberg vem experimentando técnicas e vocabulários alternativos para o canto. Mas atenção: «Não procuro inovar só por inovar. Até porque hoje é impossível fazer algo de completamente novo na música. Já foi tudo feito. E é porque já foi tudo feito que pegamos em temas tradicionais, que não apenas etíopes. O nosso repertório inclui uma canção popular sueca e uma canção arménia. Canto-as com a simplicidade que exigem. Também gosto desse registo; não preciso de ser sempre “experimental”. Mas porque também adoro experimentar, puseram-me esse carimbo. Não tenho problemas com isso, desde que não me impeça de pegar numa cantiga folk de vez em quando.»

Argumenta Sofia Jernberg que essas novas técnicas não são propriamente suas, mas da Voz, considerada em abstrato. A Voz que idealizou a partir das escutas dos seus modelos, Diamanda Galás, Phil Minton, Sainkho Namtchylak e Sidsel Endresen. «A voz é o mais antigo instrumento musical que conhecemos e faz parte do nosso corpo. Desenvolvi uma paleta de sons que têm que ver comigo. Fi-lo através de muita prática, de uma aprendizagem

contínua e de muitas horas de ensaio e concertos com grandes músicos, mas de certeza que muita gente produziu esses sons antes de mim. O que eu terei feito de diferente foi estudá-los e formar uma coleção a que posso recorrer em cada circunstância», refere com humildade, mas igualmente com a convicção de quem domina o que faz.

Sobre o seu percurso escreveu-se já que «torna bonita a música difícil», talvez por incluir elementos populares, mas pouca formulação conceptual e programática houve para que acontecesse desse modo. O único objetivo de Sofia Jernberg é «criar a melhor música de que seja capaz», dando tudo o que tem dentro de si e «um significado» aos conteúdos musicais que partilha com os outros. No caso, um significado que não passava nos restantes projetos em que também está envolvida, com destaque para PaaVo e The New Songs. O duo Musho é a oportunidade para revelar uma sua «nova faceta». «Uma faceta desafiante para a mente e para a alma, saltando entre dois focos, os proporcionados pela composição e pela improvisação», comenta. «Estamos ambos interessados em mesclar estruturas definidas e o que vem com a espontaneidade e a intuição, pelo que fazer música com Alexander Hawkins torna-se incrivelmente fácil.»

Se no papel parece estranho mencionar uma mescla de jazz, música erudita, experimentalismo, Etiópia e outras sonoridades dos povos que habitam o nosso planeta, quando finalmente ouvimos esta parelha tudo se torna plausível. Mais do que isso: achamos que

algo assim só podia acontecer. É essa a inevitabilidade de qualquer fascínio: primeiro deixamo-nos transportar por ele, mas depois somos nós o transporte.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Sofia Jernberg

Nascida na Etiópia em 1983 e com formação musical realizada na Escola de Composição Musical de Gotland e na Academia Real de Música da Suécia, Sofia Jernberg é colíder, com Cecília Persson, do grupo de jazz de câmara Paavo e tem um trajeto paralelo como cantora de música erudita, por exemplo com o *Pierrot Lunaire* de Arnold Schoenberg, e como compositora de obras para os ensembles Duo Ego e Norrbotten NEO.

Alexander Hawkins

Natural do Reino Unido, onde nasceu em 1981, Alexander Hawkins começou, muito jovem, por se dedicar à música clássica, tendo optado depois pelo jazz, dispensando uma formação académica nesse âmbito, por a considerar «prescritiva». Dirige três formações, o Alexander Hawkins Ensemble, o Convergence Quartet e os Decoy, neste caso tocando órgão Hammond, e vem colaborando com músicos como Louis Moholo-Moholo e Joe McPhee.

Próximo espetáculo

O Novo Mundo

de Os Possessos

Teatro de qua 27 a sáb 30 de junho

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 2h30
com intervalo · M16



De Daniel Gamito Marques, João Pedro Mamede, Leonor Buescu, Miguel Ponte, Nuno Gonçalo Rodrigues e Tiago Lima **Com** André Pardal, Catarina Rôlo Salgueiro, David Esteves, Eduardo Breda, Filipa Matta, Francis Seleck, Guilherme Moura, Isabel Muñoz Cardoso, Marco Mendonça, Margarida Vila-Nova, Miguel Cunha, Nídia Roque, Nuno Gonçalo Rodrigues, Óscar Silva, Rafael Gomes, Vicente Wallenstein e o músico Fernão Biu **Cenografia** Ângela Rocha **Luz** João Cachulo **Som** André Pires **Movimento** Gonçalo Quirino **Colaboração** Gonçalo Carvalho, Hugo Pedro, Isabel Costa, Leonardo Garibaldi e Tiago de Cena **Produção** Bruno Coelho **Coprodução** Culturgest **Apoio** Fundação GDA, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Municipal do Porto, Horto do Campo Grande e Arcano

A história acelerou. No princípio eram os descobrimentos, depois foi a Lua. Um foguetão saiu da Terra, avançou pelo espaço, e um homem deixou uma banheira num lugar inóspito. Mas agora a coisa em que mais dinheiro se gasta são

as viagens interplanetárias. Quem pode esquecer-se dos problemas do mundo aproveita e tira também umas férias de si próprio – nada como comprimir os meses em minutos para uma vida-sonho longe da aridez da realidade. No novo mundo tudo se torna mais fácil porque não há tempo, pelo menos não este tempo todo: não se espera que a vida comece, da mesma maneira que não é possível ficar aborrecido.

Os Possessos são um coletivo fundado em 2013 por Catarina Rôlo Salgueiro, João Pedro Mamede e Nuno Gonçalo Rodrigues depois de um exercício final de Conservatório que os deixou traumatizados mas com vontade de trabalhar juntos. Contam com uma equipa de mais de vinte pessoas. Criaram os espetáculos *Rapsódia Batman, II – A mentira* e *Marcha invencível*.

Conselho Diretivo

Presidente

José Ramalho

Administradores

Mark Deputter (Direção Artística)

Manuela Duro Teixeira

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos (coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Catarina Medina

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira

(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos · Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt